



## Entrevista<sup>1</sup> com a Professora Ana Fani Alessandri Carlos<sup>2</sup>

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA<sup>3</sup>:** A gente elaborou algumas perguntas que vão desde interesses nossos, enquanto graduandos, para entender o momento atual do Brasil e do mundo, e da Geografia enquanto campo disciplinar, bem como algumas perguntas voltadas para os aspectos teórico-metodológicos. Então nós vamos tentar começar de forma mais leve e depois vamos dar uma apertada. (risos)

**ANA FANI:** Tá ótimo! (risos)

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** De início gostaríamos de saber como a senhora enxerga a atual situação das Universidades no país e quais os desafios da Geografia neste contexto?

**ANA FANI:** Tudo isso e rapidamente?! (risos) Bem, hoje de manhã recebi um *whatsapp* que dizia que a última novidade era que o Weintraub iria, agora, escolher os reitores das universidades federais. A primeira sensação que eu tive foi que o cenário político é pior que a pandemia! Nós estamos vivendo um regime profundamente autoritário, anti-intelectual, com características fascistas muito graves. De perda de autonomia de universidade...perda de tudo. Nós estamos vivendo um cenário muito surreal, estamos vivendo um cenário brasileiro de imensa crise. A crise se aprofunda a cada dia, estamos vivendo um processo político de extremo autoritarismo, de um Presidente da República que não sabe o que faz, que não tem projeto político. Um Presidente da República que vive na contramão do bom senso, do mínimo de

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada no dia 10 de junho de 2020.

<sup>2</sup> Professora Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1A.

<sup>3</sup> Participaram dessa entrevista os discentes Anderson Castro de Santana, Fábio Adrian Teixeira dos Santos e Santos, Gustavo Costa Mota, Mariana Loyola Santos e Naira Santana Pita.

racionalidade, do mínimo de compromisso com o país e com a sociedade brasileira. Ele governa, se é que se pode chamar esse desgoverno de governo, para um grupo de empresários, e tem estado de braços dados com a ala mais reacionária do exército brasileiro. Então nós estamos diante de militares ocupando o poder, que são da extrema direita, que têm uma tendência altamente autoritária, que têm uma escolha de ministros para governar com ele que são completamente irresponsáveis, caso do Ministro do Meio Ambiente, e no caso que nos interessa particularmente, o Abraham Weintraub, que é o Ministro da Educação; vemos um grupo que não sabe falar, que não sabe se expressar, que não tem projeto para o país, que não sabe pensar o futuro muito menos o presente. Neste momento, o que nós temos? Nós temos uma Universidade que vem sofrendo ao longo do tempo com os ataques. Tenho dito sistematicamente e particularmente que o curso que temos em São Paulo no Departamento de Geografia localizado na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, que é uma faculdade da Universidade de São Paulo, onde se concentra um grande poder de crítica, de pensar o mundo, de pensar a realidade brasileira, do ponto de vista da crítica, do ponto de vista crítico, e de modo geral as Ciências Humanas, têm estado sob ataque. Já existe há algum tempo o Projeto Capes de avaliação das universidades, através da avaliação dos programas de pós-graduação, que vem impondo de cima para baixo normas para ação e atuação dos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil que são profundamente desestimulantes, no sentido de criatividade, no sentido de induzir a uma pesquisa, ou ao criar um ambiente de pesquisa, que seja rico, que seja da participação de todos, que todos tenham direitos iguais nessa participação. Nós temos o processo de avaliação das universidades e dos programas de pós-graduação que são as avaliações com as régulas das ciências exatas, a Geografia pertence às ciências humanas e sociais, então, nosso tempo de trabalho, nosso tempo de produção é outro, e as universidades estão sendo atravessadas por um processo de avaliação que vem de cima para baixo, balizados pela Capes. Com os novos padrões de avaliação, verticais, sem ouvir efetivamente as pessoas. Muito antes desse governo, o trabalho acadêmico já estava sendo invadido por um processo de avaliação que em vez de pensar na qualidade dos programas, na qualidade da pesquisa em Geografia, se preocupava em pensar a quantidade, quanto se faz, quanto se produz. Nesse movimento, da qualidade para a quantidade, o processo de formação do aluno da graduação fica deficiente, o tempo que você passa com o aluno, grupos de estudos, não conta tantos pontos no currículo Lattes. O professor ganha muito mais pontos se ele participar de congresso, se ele escrever livros, artigos e publicando

muito. Cada coisa que você já participou, cada atuação, cada norma que você vai fazendo conta como ponto da pesquisa, isso tem o papel imediato na formação do aluno de Geografia, na formação do aluno como geógrafo. A minha visão da universidade sempre foi de atuação na formação dos alunos e o processo de formação que começa na graduação. Desde que entrei na Universidade como professora em 1982, trabalho com os alunos de graduação, com grupos de estudos na graduação - e são esses grupos de estudos fora da sala de aula é que permitem o aprofundamento daquilo que os alunos veem na sala de aula - e os incentivos, crio oportunidades dos alunos se apaixonarem e ao se apaixonarem poderem encarar sua graduação por amor, por ética como modo de realização do ser humano. Acho que hoje a universidade está dando muito pouco apoio a formação do aluno da graduação, está muito mais preocupada com a pós-graduação. E a preocupação com a pós-graduação vem sendo imposta pelos processos de avaliação que submetem a universidade em obrigatoriedade dos procedimentos que devemos usar. A Capes tem nas mãos dela a possibilidade de dar notas aos programas de pós-graduação, essas notas, hoje, não necessariamente refletem a qualidade do programa, mas refletem as estratégias do programa de pós-graduação de enquadrar o programa naquilo que aumenta a nota da Capes. Por exemplo, o número imenso de artigos publicados, se cria revistas e , com isso, estratégias para publicar cada vez mais. Publicar, não importa se tem ou não qualidade, mas o que importa é quanto tem de cada coisa, e esse quanto tem de cada coisa acaba invertendo a importância da universidade, porque o que tem importância na universidade é a formação, o que é importante na academia é a construção de uma pesquisa sobre a nossa realidade, porque só uma pesquisa que explique a nossa realidade, que explique as contradições que formam uma sociedade desigual como a nossa pode permitir a construção de um projeto de transformação dessa sociedade. Nós estamos vivendo um processo que começou crítico. O processo da universidade já tinha encontrado problemas há alguns anos e esses problemas com o passar do tempo se aprofundam com o governo extremamente autoritário como o que estamos vivendo. E nesse processo da universidade, o que acontece é que a universidade submetida às regras desse governo autoritário e anti-intelectual é uma universidade em que a pesquisa, a produção do conhecimento, a compreensão do mundo em que nós vivemos, não tem a menor importância, porque, para esse governo que se fundamenta num pseudofilósofo, que na realidade é um astrólogo que acha que é filósofo, não se pode esperar que se pense em algo que possa emancipar a universidade, pelo contrário, é uma ação que se orienta pela destruição do

sentido da universidade. E nesse movimento de anti-intelectualismo o que está se colocando é que a Covid, a pandemia que nós estamos vivendo. A pandemia está mostrando para todos a importância da ciência, a pandemia não se coloca apenas como uma questão médica, sanitária, a pandemia se coloca, profundamente, como uma questão social.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Pegando o gancho trazido pela senhora quando comenta sobre certa forma de pensar a graduação, a nossa próxima pergunta é na verdade uma espécie de conselho. Quais conselhos a senhora daria para o graduando em Geografia para que ele tenha sua formação de maneira mais sólida? Quais livros e autores indicaria para que esse aluno, na sua formação inicial, tenha uma base teórico-metodológica mais firme?

**ANA FANI:** Eu vivo palpitando na vida dos meus alunos, você está me pedindo conselho, eu vou palpar, hein?! (risos) Então, vamos falar em termos gerais da formação do aluno. Eu acho que a sala de aula é o lugar da ação, é o lugar do exercício da liberdade. Acho que a Geografia tem o papel central no modo em que se explica o mundo. Por exemplo, nós estamos aqui ligados por uma tecnologia que nos impede de falar muito próximo, mas, ao mesmo tempo, nós estamos inseridos em uma coisa que nos conecta. Essa coisa envolve algo que é geral para nós, somos todos geógrafos, formandos, geógrafos em formação, mas nós temos alguma coisa que nos separa e que nos cria alguma especificidade que se trata do lugar de onde falamos. A formação do geógrafo parte dessas duas coisas, por exemplo, ela parte dessa possibilidade de entender esse local, que é o lugar onde se desenrola a vida cotidiana. Aqui a Geografia está na vida... Por exemplo, se nós abirmos os nossos braços, nós temos um espaço ao nosso redor, a nossa primeira possibilidade de perceber o espaço é através do nosso corpo. A partir do nosso corpo, nós percebemos tudo que começa a nos cercar e, esse lugar aonde se situa nosso corpo se abre para outras escalas. As várias escalas começam a se articular reunindo-se no plano do lugar e da vida cotidiana. A escala do corpo, a escala da casa, hoje em dia nós estamos todos trancados em casa, então, a escala da casa... eu ia falar do limiar da porta, mas agora nós temos o limiar da janela que nos liga com o mundo. Todas as nossas relações sociais que são relações de troca - relação de troca não de compra e venda de mercadoria, relação de troca como relação social, entre os indivíduos. Por exemplo, na sala de aula o professor ensina e aprende - o papel da Geografia é aquele de compreender que todas as nossas relações sociais, relações de

trabalho, relações amorosas, relações de mobilidade na cidade, todas essas relações acontecem num espaço- tempo delimitado para cada uma dessas ações. Por exemplo, a universidade é lugar para reunião dos alunos, é o lugar para pesquisa, é o lugar onde há uma relação social de diferentes, porque, veja, o professor dessa relação não é igual ao aluno, no sentido de que, se ele não souber mais que o aluno ele não pode ensinar o aluno, mas não quer dizer que ele não aprenda com o aluno, quer dizer que há relações que são diferenciadas. Numa relação amorosa, não existe hierarquia, o homem e a mulher, o homem e o parceiro, a mulher e a parceira, estão numa mesma relação. Na relação familiar, nós também temos algumas hierarquias, o pai, a mãe, os filhos, elas são diferentes. Refiro-me aqui ao fato de que as relações sociais mais finas ocorrem no plano da vida cotidiana. Na sociedade existe algo que une a todos, que é a ideia de que a sociedade deve ser igual articulando todas estas outras relações que se reúnem constituindo o mundo das relações cotidianas. Só que a sociedade em que nós vivemos é profundamente desigual e o modo pelo qual cada um de nós, cada grupo social usa o espaço, se apropria do espaço na realização da sua vida, é diferenciado. Então, por exemplo, as classes sociais diferenciadas usam os espaços de formas diferenciadas. As normas e as regras de ocupação do espaço também são diferenciadas. As normas imposta pela existência da propriedade privada que aparecem através de normas jurídicas, as formas de controle e vigilância dos lugares da vida são delimitadas por padrões que limitam o uso do espaço. Nesse sentido posso afirmar que todas as nossas relações sociais se realizam no espaço, então, a Geografia, na sua dimensão, tem por objeto, tem por preocupação pensar o espaço, então, do ponto de vista daquilo que é central para a Geografia, que é o espaço, a Geografia se torna absolutamente fundamental para pensar o mundo em que nós vivemos. Para pensar as múltiplas invenções do mundo, pra pensar como o mundo é desigual, como as nossas relações cotidianas revelam as desigualdades, como as nossas relações cotidianas vão revelando aquilo que os torna universal, quer dizer, a construção do sujeito universal na relação com o outro, a constituição de compreender o mundo e, porque compreendemos o mundo, pensamos em melhorá-lo, e ao pensarmos em melhorá-lo nós pensamos em construir um projeto que modifique, então, a nossa vida seria através da Geografia. No meu ponto de vista, na medida em que o estudante descobre que a Geografia é isso ele se apaixona. (risos) Porque a Geografia é vida, a Geografia é criação. A formação do aluno passa pela paixão, sem paixão não tem nada, eu acho que a formação sólida do aluno tem como condição compreender profundamente o espaço em que nós vivemos. E

aí, na compreensão do espaço nós temos várias perspectivas teórico-metodológicas para compreender o mundo. Essas várias correntes teórico-metodológicas, nenhuma delas é falsa, nenhuma delas é verdadeira, mas elas são correntes de pensamento fundamentadas em filosofias diferenciadas e que na Geografia ganham sua diversidade, como na Sociologia, como na Filosofia, como na História, elas são diversas.

Eu trabalho com a Geografia crítica, a ideia de trabalhar com a Geografia crítica é pensar o mundo nos seus conflitos e pensar por trás dos conflitos quais são as contradições que as movem. Por exemplo, para nossa sociedade, para nossa vida o que é importante? Pensar essa cidade que está aí, do lado de lá da porta, como um lugar em que eu uso como modo de realizar a minha vida e como a cidade aparece como esta possibilidade de uso pra mim. Então a cidade é o lugar da poesia no sentido em que a cidade é a apropriação para a realização da vida, para realização do encontro, esse encontro e sua realização é importante pra a construção da luta frente aos impeditivos que limitam a realização da vida na cidade. Esse movimento de reivindicar e lutar contra as opressões é imante a vida Vejamos, hoje, mesmo com a pandemia o povo esta na rua reivindicando, lutando. E mesmo através de sua janela “batendo painéis”. Esse caráter que envolve a luta é poliético, porque toda luta projeta uma ideia de futuro, então, a luta é poética, ela é produto de uma sociedade desigual apontando o que se move em direção a outra sociedade aonde o projeto humano e criativo possa se realizar. Vivemos hoje a necessidade de questionar o Governo Federal, que quer liberar o isolamento social, porque a economia é mais importante que as vidas, através do discurso de que é preciso fazer a economia rodar. Então, há uma aliança do Estado com grupos econômicos que faz com que a política se dirija para aquilo que permite o crescimento da economia e não a realização plena da vida. Existe uma inversão entre o que a sociedade precisa, exige e quer que seja a cidade, e o modo como a cidade é construída. Refiro-me aqui a sua produção como mercadoria. Cada lugar da cidade entra na mercantilização, a nossa moradia entra no processo de mercantilização, ninguém mora exatamente onde quer morar, mas numa relação entre a sua renda e o preço do metro quadrado do solo urbano. A Geografia crítica vai nessa direção, de tentar entender o que está por trás desse processo de realização da vida, o que está por trás da vida cotidiana, do modo como ela se realiza. Este ponto de vista está assinalado no que eu tenho chamado de metageografia, que é esta Geografia que é crítica e que dá centralidade à noção de espaço. Nesta direção o que é importante é desvendar o modo

pelo qual nós pensamos o espaço, pensamos a vida cotidiana, pensamos a nossa sociedade, que é em essência urbana, não quer dizer que o rural e o agrário não existam, mas quer dizer que é uma sociedade que se move em direção a construção de uma sociedade urbana, então veja, tentar compreender aquilo que vejo, que sinto, que percebo, é o primeiro passo para formular questões, formulada essas questões, tenho que ir atrás das respostas. Esse ato de ir atrás, esta curiosidade está no fundamento da formação do aluno. Para o aluno se formar, ele tem que ter curiosidade. Ele tem que querer entender o mundo e mais do que isso, ele tem que sentir o compromisso, a Geografia tem a responsabilidade social de desvendar o mundo para transformá-lo. Acho que essa consciência move a formação do aluno. A bibliografia vem a partir daquilo que a gente está focando como interesse. Se o trabalho vai mais numa direção metodológica e mais noutra, ele vai direcionar a sua leitura mais num tipo de autor do que em outro. Todavia, na Geografia, apesar de nós escolhermos o caminho teórico, por outro lado, esse caminho teórico não exclui o debate com as outras linhas do conhecimento, muito pelo contrário, é no debate entre as várias perspectivas teórico-metodológicas de compreender a Geografia é que a esta se constitui enquanto disciplina, enquanto ciência social, é nesta confluência que ganha sentido. Não pode haver preconceito contra linhas de pesquisa, o que tem que haver é o compromisso com a produção da teoria como ato de compreensão do mundo. Nós temos muitos autores do pensamento brasileiros, por exemplo, a centralidade do professor Milton Santos é incontestável, do ponto de vista de pensar teoricamente em termos mais gerais, mas você também tem, por exemplo, o mundo em que nós vivemos, tem uma dimensão urbana, tem uma dimensão agrária que é importante pra pensar o Brasil. O Ariovaldo Umbelino de Oliveira é um professor que tem uma produção sobre o agrário que é absolutamente importante, a lista dos geógrafos urbanos é muito grande, em Salvador posso citar o Professor Angelo Serpa, Pedro Vasconcelos; no Rio de Janeiro, há o Professor Marcelo Lopes de Souza; o Professor Roberto Lobato Correia, em São Paulo; eu trabalho com Geografia Urbana; o Professor Cesar Simoni; a Professora Isabel Alvarez; Sandra Lencioni. Eu tenho um grupo de pesquisas e vocês podem acessar nosso site que os livros podem ser baixados gratuitamente. Nós vamos lançar um livro virtual “Covid-19 e a crise urbana”, que pode ser baixado sem custo algum. Na área Regional, há algum tempo, desponta o professor Rogério Haesbaert. Na Geografia Cultural existe também outro grupo, professor Angelo Serpa, professor Paulo César da Costa Gomes no Rio de Janeiro. Enfim, nós temos uma player de professores que são

importantes para discutir o que está acontecendo hoje. Então, eu acho que partimos da preocupação e do caminho da formação e, a partir daí, a gente vai buscando a bibliografia que mais conversa com o nosso caminho...

O debate sobre o racismo hoje, conforme colocado pelos professores Jorge Barbosa e Denílson de Oliveira no Rio de Janeiro, tratando essa questão de forma brilhante, nos mostra como o racismo criou uma visibilidade, graças a luta da população negra, é isso que move, que faz com que quinhentos anos de um Brasil dependente, de um Brasil que se forma com a escravidão, que tem a escravidão como processo fundamental da sua desigualdade, de repente aflora e diz “basta” precisamos criar um caminho para construir uma nova sociedade na qual essa submissão, essa subsunção acabe. E temos outras questões, mas me parece que esta é que está posta como a questão do “basta”, a partir daí pensar em criar outras lutas, lutas totais contra o capitalismo, mas esta eu acho que no caso brasileiro, diferente do caso europeu, isto porque, no Brasil passa a ser algo prioritário em relação às lutas, aquela do fim do racismo, então, todos esses momentos, esses movimentos, essas pesquisas que se faz hoje no Brasil, é da maior importância.

Do ponto de vista da pesquisa, o importante é pensar um pedacinho – partir de um recorte da realidade, e encontrar nesse pedacinho aquilo que o liga à totalidades mais vastas, como a questão do negro, por exemplo, vai aparecer em questões muito mais amplas até chegar na questão do capitalismo que se desenvolve usando dessas condições até entender que os processos urbanos, a desigualdade, a segregação tem um cunho racista muito grande, por exemplo, o caso de São Paulo, o número maior de mortes por Covid estão na periferia. Nós sabemos que a periferia - o caso brasileiro de urbanização que se faz com uma extensão na mancha urbana em função de uma industrialização como poupadora de mão de obra com alto grau de exploração do trabalho - se faz com pequenos salários e empurra essa população para áreas em que o preço das terras são menores. A periferia surge como uma explosão de um processo de industrialização, que é poupador de mão de obra e, portanto, ele se faz com altas taxas de desemprego e com baixos salários. Este trabalhador precisa morar, porque a moradia é o primeiro lugar onde ele se localiza e entra em contato com o resto da cidade, a periferia surge nesse movimento. Este movimento que empurra, que obriga essa população trabalhadora a morar nas áreas onde o preço do metro quadrado é menor, são evidentemente sinais e o conteúdo do processo de segregação urbana, mas essa segregação urbana, essa população que ganha menos, que é mais explorada e que mora na periferia e precisa de

mais tempo para ir ao centro, quando você vai ler os dados sobre essa população, você percebe que são os negros e pardos em maior número que os brancos, que ai moram. Esta pesquisa mais fina, quando você vai afundo começa a dar legibilidade para a história da produção da sociedade desigual brasileira. Então, acho que palpitar na formação do aluno é querer dizer que não dá pra ler o mundo sem a Geografia e, em segundo lugar, nós somos jovens, nós precisamos mudar isso que está aí, nós temos que arregaçar as mangas para entender essa realidade e poder mudá-la. O mundo não vai mudar amanhã, nem daqui a dez anos, mas vai mudar para frente, mas pra mudar para frente tem que começar a mudar agora. Se a formação do aluno não for cuidadosa, não for profunda a gente não muda. É um pouco isso.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Agora a nossa pergunta é mais voltada para discentes que estão no final do curso da graduação, possivelmente se preparando para o mestrado, no qual ele tenha o objetivo de se especializar um pouco mais para redundar na construção de um arcabouço conceitual capaz de lhe dar ferramentas que o auxiliem diante de algumas questões disciplinares, e nesse momento aparece como incógnita, por exemplo, a maneira como realizar a delimitação de um tema para pesquisa. Nós queremos saber como podemos fazer, ou qual o melhor caminho, para definir e delimitar um tema de pesquisa, como fazer esse recorte?

**ANA FANI:** Eu acho que sair da graduação para a pós-graduação já vem daquilo que a gente está pensando na graduação, no meu caso, a pós-graduação aconteceu de forma natural. Eu saí da graduação achando que não sabia nada da Geografia. Quando terminei a graduação a gente ouvia dizer “o Espaço é objeto de estudo da Geografia” e eu ficava me perguntando “mas que raios é esse Espaço?”, chorava por achar que não sabia nada, até que um dia, conversando com o professor Pasquale Petroni, eu ouvi uma coisa que me acompanha até hoje, “no dia que você achar que sabe alguma coisa é porque você morreu”, é preciso achar que você está sempre aprendendo, que você não sabe tudo, porque isso te motiva a continuar. Então eu acho que a pós-graduação está nesse pique. “Terminei a graduação, não sei nada!” A consciência de que não sei nada significa que sei alguma coisa. Acho que para as pessoas que se apaixonam pela Geografia, fazer mestrado é natural, o problema é arranjar uma questão. A gente não escolhe um tema árduo. Um exemplo meu e do Ariovaldo Umbelino, porque a gente vai para urbano ou para outros temas? Porque não o agrário? No meu caso, penso que seja por que nasci na metrópole de São Paulo, muito difícil de escapar disso, o professor Ariovaldo tem

alguns laços com o agrário, com o campo, então, primeiro você delimita uma grande área depois vai afinando um pouquinho. A minha dissertação do mestrado não é uma dissertação normal. Quando terminei, na época, a gente não tinha um debate sobre o espaço como a gente tem hoje na Geografia. A revolução da Geografia do final dos anos 1970 mudou a Geografia e me formei em 1975, então a nossa situação era muito pior, porque a gente não tinha um debate sobre o espaço, não tinha um debate teórico aprofundado capaz de nos situar mais confortavelmente doante da necessidade de encontrar os fundamentos da realidade que estava diante de nós para ser desvendada. Havia um debate que questionava a capacidade da Geografia de construir uma teoria que desse conta do mundo que a gente vivia. Não quer dizer que os geógrafos eram ruins, em hipótese alguma, nós tínhamos grandes geógrafos, importantes para a Geografia urbana, como foi a obra dos professores Pedro Geiger, Fani Davidovich, da Lea Goldstein, do Roberto Lobato, que são pessoas que escreveram já nos anos 1960, então, essas pessoas são muito importantes, mas o debate nacional não era um debate que se voltava a compreensão do papel do espaço como momento revelador do mundo em sua potência teórica. Como eu não sabia exatamente de que construção teórica fundamentava e dava sentido ao espaço tratado pela geografia, resolvi fazer a dissertação do mestrado para discutir “esse espaço”. Fiquei trancada na biblioteca, literalmente, alguns anos para descobrir o que era esse espaço, fui ler um monte de autor, fui ler o Einstein, fui ler um conjunto de autores que não eram da Geografia. Tive que dar conta da leitura do Einstein, da leitura de alguns filósofos, para tentar chegar o que é esse espaço da Geografia, então foi um processo muito duro. Toda a minha carreira acadêmica se dedica a analisar o espaço, debater o espaço, discutir o espaço, já não é o começo normal. A geração de hoje já encontra esse debate bem evoluído, na geografia. Não precisa começar lá atrás, no tempo. Então, pensar o que na vida chama atenção? O que vejo na realidade, na relação com as pessoas, no meu ir e vir na cidade ou no campo, no ir e vir cotidiano ou naquilo que se lê, o que chama atenção, o que questiona? Que pergunta eu não sei e gostaria de responder? O ponto de partida de uma pesquisa é uma questão, e essa questão, na realidade. Em verdade é uma contradição. Por exemplo, o que penso que é cidade, o modo como uso a cidade e o modo como as prefeituras e os planos diretores produzem a cidade é um choque entre o que a sociedade quer e o que determina a política pública gestada no âmbito da prefeitura. Acho que é isso, a questão que é difícil de responder e exige resposta, é que move o caminho da descoberta. A partir dessa questão é que vou ler os autores que escreveram

sobre ela. Não vai ter ninguém que vai estudar o que você quer estudar, mas têm coisas que vão margear sua questão. Aí, à medida que vocês começarem a ler vocês podem mudar de ideia, vocês podem fazer esse exercício de ler autores e obras em torno dessa primeira questão e dela vocês têm duas alternativas, ou se convencem de que vai aprofundá-la ou vocês se convencem que não é aquela, porque tem outra. Como hoje, infelizmente, o prazo para fazer uma dissertação de mestrado diminuiu muito, acho importante antes de se matricular na pós-graduação ter um projeto de pesquisa, porque quando você entrar o tempo vai voar, e não dá para perder um ano inteiro da pós-graduação deslumbrando ou resolvendo problemas existenciais, que vão ocorrer. É importante que vocês, quando forem se preparar para fazer os exames de ingresso na pós-graduação, já tenham um projeto de pesquisa, aproveitem que vocês ainda estão na graduação e vão atrás dos professores, peçam orientação bibliográfica. Meus alunos me perguntam assim, “como é que a gente sabe qual é o caminho teórico-metodológico que a gente quer seguir?”, falo para eles o seguinte, usando uma questão prática, “quais são os professores que vocês mais gostam? Por que vocês mais gostam desses professores? Quais professores que mais falam coisas que me criam questões? Que mais me motivam a pensar?”. A linha de pesquisa teórico-metodológica desse professor é a que combina comigo. Esse pode ser o primeiro passo. Tem gente que lê todos os métodos para escolher um (risos). Não! Não é por aí, porque a gente nunca vai saber tudo sobre todos os métodos. Por exemplo, se vocês vão querer discutir o que é o método materialista-dialético, eles não têm uma única teoria sobre, não há um único caminho teórico dentro do materialismo. Então, isso pode ser uma primeira orientação, em termos de ver qual é o professor, porque que gosta dele, quais leituras, qual o outro combina...

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Desde o início da sua trajetória acadêmica percebemos que a senhora vem buscando afinar uma compreensão do conceito de Espaço Geográfico. Gostaríamos de saber como é que foi esse processo intelectual de aproximações sucessivas para chegar à sua construção da ideia de Espaço; e quais elementos a senhora pode trazer para que nós, graduandos, para que possamos entender de uma forma mais didática o Espaço Geográfico?

**ANA FANI:** Lembra que comecei a falar que a primeira forma da gente perceber o espaço é o nosso corpo? Essa é uma aproximação. Em primeiro lugar é o corpo. Começo a perceber que o meu corpo é espacial, ele ocupa um lugar no espaço em seguida me deparo com a dimensão da minha casa. Nessa história de isolamento social a

gente tem muito essa dimensão do que é a casa, de como você lida com a casa, como você vivencia a casa através de suas divisões internas. A casa é o lugar de relações sociais do mundo privado, são relações familiares, amorosas, relações de igualdade dentro da casa, a casa é o centro do mundo da pessoa. É a partir da casa que ela se relaciona com o mundo. Da casa você tem a rua, a rua é outro fator importante. Como isso? Eu tenho o dobro da idade de vocês, a gente ficava na rua, brincava na rua, a rua naquele momento não era o lugar da violência, não era o lugar do perigo, então a rua é um lugar importante. A rua não é apenas, o lugar da passagem para ir a algum lugar ou pegar o metrô, ponto de ônibus, ou ir à padaria. Nesse lugar de ir e vir, nessa passagem, ela se torna o lugar do encontro com as outras pessoas – e com aquele que não é igual.. Então a rua já me leva para outro patamar, e esse outro patamar é o meu bairro; e assim as relações vão se construindo, tomando como ponto de partida a casa, e posteriormente a rua, com ela, com o bairro - e do bairro, eu não diria com a cidade inteira, porque ninguém vive a cidade inteira -, a gente vive os lugares das relações espaço-temporais da vida cotidiana nos lugares da cidade destas ações. É possível dividir a vida cotidiana em momentos, momento da vida privada, que é o da casa, onde se realiza e se constituem as histórias individuais, a rua e o bairro, momento da relação com os outros, que não são familiares e onde começa a se construir uma história social, uma história que não é mais individual, e a partir daí, as escalas vão se ampliando. À medida que as escalas se estendem, as minhas relações sociais vão se ampliando, é nesse processo de ampliação que tenho as escalas dos problemas que são postos para a vida cotidiana. A vida cotidiana é composta pela vida privada, é composta pelo trabalho, pelas relações de trabalho, pela mobilidade de um lugar ao outro, pelo lazer... Então, esses momentos da vida cotidiana, articuladamente, constituem o que é a vida cotidiana e como cada um desses momentos precisam de um espaço, essa relação é espacial, como cada uma dessas relações também se realizam no tempo. Vamos supor, a nossa relação aqui, nessa plataforma de reuniões online, começou às 16h00 e vai durar até às 18h00, é uma relação temporal também. Cada uma delas é uma relação espaço-temporal, tendo essas escalas que se revelam com os lugares onde me relaciono. As escalas do lazer, por exemplo, podem me levar a escalas maiores, isso vai depender da nossa renda. O que falo da nossa renda é a possibilidade de viver com o corpo outras escalas, a vida em escalas também diz respeito a uma desigualdade social, uma realidade desigual social que se realiza espacialmente. A segregação espacial é uma segregação que diz respeito à hierarquia no espaço que nós temos como produto de uma hierarquia social. Não sei se

estou conseguindo responder, se era isso que vocês queriam, mas pensar nas escalas, como é que essas escalas vão se colocando, é como os conceitos vão se formulando. No caso do ensino médio e do fundamental se trata de uma Geografia que não contempla evidentemente os conceitos, nem a elaboração deles, mas a realidade dos conceitos já está posta, porque veja, eu separo a prática da teoria? Não separo! Porque todas essas relações que estou discutindo são relações que cada uma delas tem a ver com prática e com a teoria. A Geografia explica os lugares, a Geografia explica a cidade, a Geografia explica a paisagem, que é o modo pelo qual tenho a minha primeira impressão do mundo. Eu chego num lugar e a paisagem me coloca uma primeira impressão daquele lugar, mas começo a perceber que essa paisagem não é uma fotografia, percebo que essa paisagem tem cheiro, ela tem som, ruídos, cor... Na medida em que vou pensando, que vou seguindo cada uma dessas coisas, chego ao conceito de Espaço. Como que chego a esse conceito? Penso: “ora, vamos lá! O que a Geografia nos traz para pensar o Espaço? O que a gente aprendeu?” Que a Geografia é o lugar onde acontecem as coisas! Não sei se já aconteceu com vocês, mas o que me irritava muito era alguém me perguntar um nome de um rio, ou a capital de algum país, eu ficava furiosa! Furiosa! (risos). Vou confessar uma coisa para vocês, ficava tão furiosa com essas perguntas que se criou uma barreira que até hoje me atrapalho com as capitais do Nordeste, nome de rio... eu esqueço todos! (risos). Porque fui obrigada a decorar o nome dos rios da margem direita, da margem esquerda da Amazônia, e isso é muito torturante para uma criança! Quando a gente tem esse trauma, é para o resto da vida, não é? Ter que explicar para as pessoas que a Geografia não é isso, é difícil. Mas a culpa não é delas, a culpa é nossa que criou essa Geografia centrada na localização das coisas. A Geografia elabora mapa - o mapa é da maior importância para a Geografia - mas ele não é o produto final, o mapa é o meio através do qual os dados que coletamos em determinado lugar ganham transparência. Mas é preciso sair daí, saber o porquê das coisas. É muito fácil dizer que na periferia o número de casos de COVID-19 é maior, que é a população pobre, mas o que é a população pobre? Qual é o conteúdo da pobreza? Qual é a origem da pobreza? O aprofundamento da pobreza? Tudo isso o mapa esconde se não tiver uma análise. Quando terminei o curso de Geografia comecei a pensar que não sabia coisa alguma, me achava uma burra, então fiz assim: “esse Espaço, que é a localização das pessoas, não me convence, esse espaço é algo mais”. Também tenho que confessar a vocês que o Honoré de Balzac me ajudou muito a pensar no Espaço, porque o Balzac construiu no livro *A Comédia Humana* a história de uma personagem que morava em Paris e que era

uma pessoa livre, educada, o intelectual, mas que foi obrigada a casar com uma figura que tinha dinheiro, indo morar no campo; no campo, fora do círculo de debate cidade, à qual pertencia essa personagem se torna tacanha, tomando ares de superioridade em relação aos outros. Uma arrogância própria de alguém que se limitava a arrogância, que embotava o sentido do florescimento da ideia que florescia em suas relações na cidade, ela se apequenou no campo, naquela situação específica em que ela se encontrava. Comecei a pensar que o Espaço é algo muito mais do que estar localizado na cidade ou estar localizado no campo, que era necessário pensar quais são as relações que envolvem as pessoas e que dão conteúdo a esses lugares, ao mesmo tempo, também estava lendo um livro sobre a história da cidade do Lewis Mumford (*A Cidade na História*), a cidade aparece com produção humana, ela é civilizatória, ela é uma obra da civilização. Veja, aquela história do Espaço como lugar onde as pessoas ficam e as atividades se realizam não estava me convencendo muito. Na época, fazia parte de um grupo com um professor da Sociologia chamado José de Souza Martins, imagino que vocês já devem ter ouvido falar nele... Naquela momento me inscrevi na pós-graduação e pensei, “bom, agora eu preciso aprender método”. Mas a minha questão era estudar o urbano, e o professor José de Souza Martins estudava o campo, pensei: “não importa o que ele estuda, o que importa é o método, vou aprender o método”. Para minha sorte, quando cheguei no primeiro dia de aula, o professor Martins falou o seguinte: “Olha gente, eu não vou dar o curso - era um curso que se chamava alguma coisa voltada a condição camponêsa, era um nome sedutor, mas não era da minha pesquisa direta -. agora quero fazer uma proposta pra vocês, nós vamos ler o Marx”. Nossa, eu queria gritar de felicidade! (risos). Esse curso durou 18 anos e nesses 18 anos nós lemos durante 12 anos a obra do Marx quase inteira. Depois de 12 anos de leitura do Marx, ele falou: “agora nós vamos parar um pouco Marx e vamos ler um autor que prolongou o pensamento do Marx no século XX, que é era o Henri Lefebvre”. Nós fomos ler o Henri Lefebvre. Então, voltando para responder a questão, ao ler a obra do Marx fui começando a compreender que o Marx trabalhava com o fato de que o mundo era um produto da sociedade, a sociedade produzia um mundo, uma realidade, e comecei a pensar que esse ato do humano de produção da realidade, esse ato ativo da sociedade que produz o mundo, e que tem consciência desse mundo produzido, era uma sociedade que em ação se materializa no Espaço, mas não se materializa no Espaço como fruto meramente de uma materialidade rasa, ela o fazia, produzindo o Espaço. E esse Espaço tem a cara da sociedade que o produziu. Porque que nosso Espaço é desigual? Porque

nossa sociedade na sua origem, como a sociedade colonial que já tem o colonizador destruindo, matando, chega impondo a sua condição, a sua cultura, o seu jeito de pensar o mundo, a sua religião... Vai-se impondo e produzindo, e comecei a pensar que isso efetivamente aconteceu. Na minha dissertação de mestrado de 1978 cheguei à ideia de que o Espaço não é o lugar onde simplesmente as atividades se distribuem, ele é um lugar produzido por uma sociedade. Nessa situação o produto de uma sociedade é um produto social, portanto, o Espaço da Geografia é um espaço social sendo ele um Espaço produzido; e esse processo de produção do Espaço pela sociedade é revelador. Assim cheguei a duas conclusões, em primeiro lugar, naquela época se falava em Geografia da população, e a gente tinha uma disciplina sobre Geografia da população. Quando a gente pensa em população, o que é que a gente pensa?

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Densidade demográfica.

**ANA FANI:** Perfeito, quantidade! São Paulo tem 19 milhões de habitantes, aí você diz, grande não? Comecei a pensar que população como conceito era vazio e que a Geografia precisava avançar em relação a isso, precisava dar nome, precisava dar conteúdo para população, que não era “a população” que produzia Espaço, mas era uma sociedade desigual que produzia um Espaço também desigual. Comecei a pensar o Espaço para na sequência descobrir o sujeito produtor que é a sociedade, e que a produção de uma sociedade só poderia espelhar como essa sociedade é. Foi assim que ao longo do tempo fui formulando a noção de que o Espaço Geográfico é uma produção social, que o Espaço é um produto da história, que o Espaço Geográfico não existiu sempre, o Espaço tratado na Geografia só existe no momento em que o homem, na história, deixou de ser coletor e caçador. Li num livro muito importante nesse momento, do Darcy Ribeiro, chamado *Processo Civilizatório*, em que o Darcy Ribeiro, que é um antropólogo, dizia que existem várias formações sociais e nesse movimento cada sociedade tem um caráter – e quando ele escreve sobre as sociedades primitivas diz algo muito interessante que é a história do toco, na qual o homem descobriu que aquele toco, que era capaz de extrair a raiz do solo, para comer, poderia colocar uma semente -, a partir do Darcy Ribeiro, comecei a pensar com calma que quando o homem deixa de ser coletor e caçador ele começa a transformar a natureza em outra coisa, em segunda natureza, a segunda natureza de que fala Marx. O Espaço que a gente chama de geográfico só aparece a partir do momento em que o grupo humano consegue transformar esse espaço. Transformar a natureza em outra coisa, ao longo do processo

histórico, se trata de um processo seguidamente de transformação da natureza, através da realização da vida. Foi nesse movimento que comecei a pensar em primeiro lugar que o Espaço era um produto de uma sociedade. Se a população é um número, precisamos encontrar qualidade nela e qualidade representa um salto adiante, não mais população, mais sociedade. A sociedade produz um espaço, esse processo de produção é social. Depois chego ao fato de que numa sociedade capitalista que é a nossa, toda produção se transforma em mercadoria, portanto o Espaço como produto de uma sociedade capitalista também se torna mercadoria, claro que não igual a uma mercadoria, igual a uma mesa e uma cadeira, mas também se torna mercadoria. Foi esse movimento do pensamento ao longo dos anos que foi me levando a discutir isso. Bem, para minha surpresa, nos anos 80, quando começo a ler as obras do Henri Lefebvre junto ao professor Martins - eu até então não conhecia o Lefebvre - descobri que entre uma das coisas que conclui sozinha por causa da Geografia apoiada nas leituras de Marx, o Lefebvre também havia escrito. O Lefebvre em 75 sobre a produção do Espaço, entendendo que o Espaço é social, mas a minha definição é diferente da dele, a minha definição para o Espaço compreende o movimento que o define como “condição, meio e ele e produto” das relações sociais de reprodução, e no livro *A Condição Espacial* busco entender o conteúdo de cada um desses momentos. Na realidade nesse meu livro faço exatamente uma síntese daquilo que eu tinha pensado ao longo de muitos anos na minha pesquisa. É um pouco isso, os conceitos eles vão se constituindo ao longo de nosso trabalho. Mas para gente pensar, nós precisamos ter sempre leituras densas, leituras teóricas, leituras de método. Então o Marx influenciou muito o meu trabalho na dissertação do mestrado e na tese do doutorado. Só depois, mais pra frente, que fui ler Lefebvre e trabalhar com ele. Mas o Lefebvre segue o Marx, e agora a ideia do nosso grupo de pesquisa, o GESP (Grupo de Geografia Urbana Crítica Radical), o grupo de pesquisa crítica radical, tenta prolongar a obra e o pensamento de Lefebvre para pensar o século XXI a partir do que o Lefebvre colocava. E a Geografia nos traz elementos pra gente avançar além do que o Lefebvre pensou. Pra nós, geógrafos, prolongar o pensamento do Lefebvre é uma coisa que está posta como possível. Então é isso.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Dando continuidade a isso que a senhora falou da Produção do Espaço, alguns autores consideram o Espaço como uma instância social, e, sendo o Espaço uma instância social, esse não poderia se organizar ou se produzir, levando a pensar que a condição de organização ou produção caberia na

verdade ao conceito de Território. Então, nossa questão vai muito nesse sentido, afinal, é o Espaço que se produz ou é o Território? É pertinente falarmos em produção do Espaço ou do Território?

**ANA FANI:** É uma dúvida poderosa. Estou precisando escrever sobre isso, eu acho. E estou pensando em fazer isso mesmo... É o seguinte, na Geografia a noção de território, está associada ao Estado. Porque o Estado para se realizar enquanto tal precisa relacionar a um espaço, o Estado para se concretizar enquanto poder ele precisa de um espaço exerce sua dominação. Esse espaço sob a dominação do Estado é o território. Então o território tem o caráter político. Ele é definido pelo poder, pelo poder político, pelo poder de dominação. O Espaço, na minha construção teórica incorpora o território do mesmo jeito que ele incorpora o lugar, a cidade, o campo, ele é um conceito totalizante. Então quando a gente fala na construção do Espaço, dentro dessa perspectiva que eu falo para vocês, nós temos as escalas desse Espaço. O território e o lugar eles seriam as escalas desse Espaço, e o conceito de Espaço seria essa universalidade. Então podemos falar em produção do território, produção do lugar, no sentido da sociedade que produz lugar, territórios, é uma sociedade produtora do Espaço, o território e o lugar eles estariam associados à forma prática. A produção do Espaço seria um conceito universal que se materializa a partir dessas escalas, nas quais o território é uma delas, mas essa é uma coisa muito complicada que eu preciso escrever para deixar bastante claro.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Escreva mesmo! (risos) Vai ser bom para gente, porque a gente lê e já resolve a dúvida. Então o espaço seria uma categoria totalizante e o território e o lugar seriam escalas que compõem esse conceito totalizante, não é isso?

**ANA FANI:** São as escalas dessa totalidade, o que significaria dizer, por exemplo, que esse seria o conceito universal, o conceito histórico, enquanto os outros são conceitos que se definem a partir dele. Porque também é potente falar em território negro, não é? Tem autores que trabalham com a ideia de território negro, a territorialidade negra. Que é potente! Mas eu tenho dúvidas, preciso pensar se são territórios negros ou se são espaços, ou lugares na cidade. Me parece - estou levantando uma hipótese, tá? - que o mais claro seria lugares do negro, porque ele não é independente, ele está dentro de algo maior, o território já é dominado pelo Estado, o Espaço, materialidade real do Estado,

relações com o território que partem do Estado, da lógica do Estado, da estrutura do Estado. E aqui o lugar já seria o cotidiano onde a opressão se estabelece enquanto grupo, enquanto raça, percebe? Estou pensando com vocês, estão vendo? Toda relação social é assim, você me faz uma pergunta e eu estou pensando sobre ela, entendeu? E vamos pensando juntos.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** E pensar ajuda a arrumar a ideia na cabeça. Quando a gente pensa e coloca para fora começamos a arrumar o pensamento, alinhar o pensamento...

**ANA FANI:** Por isso que eu digo que sala de aula é uma coisa muito importante, os alunos nos ajudam a pensar com perguntas assim, então eu não tenho muita certeza do que acabei de dizer, vou deixar como uma hipótese.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** A senhora se colocando como marxista-lefebvriana e entendendo que a ideia de Espaço para Lefebvre é uma transmutação do espaço filosófico em funcionalidade urbana, e que apesar de Lefebvre ser amplamente citado dentro da Geografia urbana brasileira, esse urbano do qual falava Lefebvre aparece a partir do contexto francês da década de 70, gostaríamos de perguntar qual a pertinência de um autor como esse para entendermos o Espaço Geográfico e como utilizar essa concepção lefebvriana de espaço na Geografia sem cairmos numa metáfora rodeada de anacronismos ou de conceitos disciplinares que a gente pega de uma disciplina e passa para outra?

**ANA FANI:** A pergunta é muito boa, aliás, eu escrevi no livro, *A Condição Espacial* exatamente por que as pessoas que não conhecem Lefebvre achavam que eu o copiava. Essa postura de achar que o outro não pensa, apenas copia, é um jeito de você não concordar com o autor e ao invés de entrar no debate teórico com você é mais fácil desprestigiar-lo, ou seja, dizem: “a Fani está só copiando o autor”. Esse é um jeito de você não entrar em um debate teórico, porque na academia só existe produção do conhecimento se existir um debate crítico sobre a produção do conhecimento, e muito do que acontece hoje na Geografia não é um debate de troca de ideias, é um não-debate, “eu não concordo com ela, então melhor desmerecer.” Me aproximo de Lefebvre exatamente pelo fato -mesmo porque acabei de dizer para vocês - que a matriz do meu pensamento é marxista, depois eu comecei a ler Lefebvre, e encontrei em Lefebvre pontos muito importantes, mas não quer dizer que o que eu faço é o que o Lefebvre faz.

A minha concepção de Espaço não é igual à concepção do Lefebvre, minha análise espacial não é igual à concepção do Lefebvre. O que as pessoas fazem, muitos, é o seguinte - faziam com o Marx e fazem com o Lefebvre – quando um autor entra na moda, todo mundo tem que considera-lo, exatamente porque ele tá na moda e não quero ficar “ por fora”. Acontecia muito com o Marx, as pessoas abriam um livro escrito por Marx na Geografia dos anos 70, 80, e se o Marx não escrevia sobre feminismo, sobre a questão de gênero ( cheguei a ouvir exatamente esse argumento ), então não posso trabalhar com o Autor. Só que nas não é por este caminho, o debate é outro. Tanto Marx quanto Lefebvre trazem um encaminhamento teórico-metodológico que nos ajudam a pensar o mundo no século XXI, eles nos ajudam, todavia eles não instrumentalizados, modelizados, nem ter suas ideias absolutizadas- tiradas do contexto, isto é, do movimento do pensamento que as justifica e dá sentido.

Não se trata, portanto, de pegar o autor e imobilizar, criar uma cartografia em cima do que o autor escreveu. Trata de pensar junto com ele e avançar o pensamento dele. Então, por exemplo, o Lefebvre no meu ponto de vista, na minha leitura, confunde Espaço com Cidade, a história do Espaço se confunde com a história da Cidade, ele tem um conjunto de equívocos no trabalho dele. Nenhum autor pode e deve ser transformado numa Bíblia, o autor deve ser um lugar onde encontro elementos ricos para me ajudar a pensar o meu mundo, pensar juntos e não copiar. Por isso que falei para vocês que trato do Espaço antes de conhecer Lefebvre, estou escrevendo sobre Espaço desde que me formei na Geografia, o debate sobre Espaço me acompanha exatamente porque aprendi na Geografia que o Espaço Geográfico era objeto de estudo da disciplina e quis entender que Espaço era aquele. Meu caminho foi aquele de não-transferência de conceitos de outros autores para a disciplina, é a disciplina Geografia que coloca o Espaço, não é o Lefebvre; é a Geografia que põe a produção do espaço no centro da disciplina. O estudo da produção do Espaço só é possível por causa da Geografia, porque a Geografia que eu faço- e denominado de metageografia- dá centralidade para esse conceito. Mas veja bem, o Lefebvre trabalha com a cidade e tem muitos, muitos livros sobre o Lefebvre. Nós, geógrafos, trabalhamos sobre a cidade, os arquitetos trabalham sobre a cidade, os historiadores trabalham sobre a cidade. Não se trata de todas essas disciplinas migrarem conceitos. Porque veja, o mundo é urbano, nós vivemos na cidade. A cidade se coloca como problema para o historiador, para o geógrafo, para o arquiteto, para o economista,

para o escritor, para todo mundo. Como ao longo do processo histórico o conhecimento se dividiu em disciplinas, isso não quer dizer que a realidade também se dividiu. A realidade se revela em sua totalidade e as disciplinas, cada uma delas, têm que dar conta da cidade, como momento desta realidade, e desta forma não é um objeto de análise de uma única disciplina. É possível pensar a cidade do ponto de vista arquitetônico, que não é da Geografia, é possível pensar a cidade do ponto de vista da Economia, como é o processo social dessa cidade, onde é que estão as indústrias, porque é que está neste lugar e não em outro, etc. É possível pensar a história da cidade, pensar a produção social do espaço humano, então não se trata de importar, se trata de pensar o mundo que nós estamos vivendo. Em nenhum momento importei qualquer conceito nem do Marx, nem do Lefebvre, mas posso trabalhar com categorias de análise que eles trabalham, por exemplo, o Marx traz para o meu trabalho o conceito de produção. O conceito de produção do Marx, o conteúdo desse conceito ele trouxe do Hegel, no qual o processo de produção não só canetas, mesas e cadeiras, mas produz conhecimento, produz relacionamentos, ele produz uma cultura. Ele tem duas dimensões, essa produção, então isso me ajuda a pensar a Geografia, o que o Lefebvre traz superando o Marx, não que o Marx não tenha trabalhado, o Lefebvre trabalha com a noção de reprodução, já consta na obra de Marx o conceito de reprodução, mas para o Lefebvre a noção de reprodução é ampliada em direção ao conceito tratado por Marx – que a trabalhou no âmbito do processo de produção e da constituição do mundo da mercadoria; enquanto Lefebvre o desenvolve para além destes espaços trazendo-o para a cidade. Portanto trabalha-se ou dialoga-se com um conhecimento que já existe. É impossível pensar hoje, do meu ponto de vista, o século XXI, sem se dar conta que o Lefebvre traz importante contribuição para a análise. Uma coisa é a contribuição dele, outra coisa é simplesmente transportar ideias. Não é isso que se faz, que se deve fazer na academia. O Nietzsche tem uma ideia que acho muito interessante, ele diz mais ou menos isso, “o discípulo não é aquele que copia o mestre, é aquele que questiona, é aquele que supera o mestre. A verdade, pronta e acabada, não existe. Na condição dialética não há verdade absoluta, as verdades se superam. Então é esse o movimento. No meu trabalho marxista-lefebvriano não estou importando conceito nenhum, estou usando a reflexão teórico-metodológica, o modo como eles analisaram o mundo no século XIX e no século XX para pensar o século XXI, naquilo que eles ajudam a pensar, o nosso mundo, como fundamento deste.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Sim, perfeitamente. Professora, já estamos caminhando para o finalzinho da nossa entrevista, já temos 01:30h, como tínhamos pensado e não queremos tomar muito o seu tempo.

**ANA FANI:** Eu falo muito! (risos)

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** (risos) Ficaríamos aqui te ouvindo até altas horas, está sendo ótimo e muito esclarecedor ouvir a senhora. Para finalizar, gostaríamos de fazer uma pergunta que soa um tanto quanto descontraída, porque assim... Nós todos temos várias demandas: demanda de trabalho, demanda de estudo, da vida familiar, da vida social, o lazer, e às vezes a gente tem a sensação que não vamos conseguir dar conta de tudo, que ficamos um pouco perdidos em como administrar esse tempo, em como escrever um texto bacana e também fazer coisas relacionadas ao lazer. Sendo assim, a nossa pergunta vai nesse sentido, como é que a senhora consegue administrar o seu tempo dando conta satisfatoriamente de escrever livro, orientar estudante, dar aula, palestra, evento, vida social, como é que funciona para a senhora?

**ANA FANI:** Os meus orientandos me fazem essa mesma pergunta (risos). Eu vou mostrar para vocês: (a professora pega duas agendas e mostra na tela). Eu tenho duas agendas (risos), essa agenda aqui é de compromisso, essa outra agenda aqui... (caem alguns papéis) olha só, tá caindo coisa de tudo quanto é lado (risos). Essa agenda aqui é a agenda que coloco hora a hora tudo o que eu vou fazer todos os dias, é aqui que tenho meus papeizinhos. Então assim, demandas efetivamente são muitas mesmo, vocês viram que demorei muito pra responder para gente fazer essa entrevista? Eu devo confessar que me dedico muito à Geografia, tenho muitas demandas, falo muito “não” também, principalmente para as viagens. É que as viagens tomam mais tempo e eu preciso ficar em casa trabalhando, escrevendo, pensando. Agora, acho que depende do modo como você organiza as coisas porque sou super dispersiva, sou aquela que fica olhando mosca passar (risos), então faço um baita esforço, é muito esforço, vou anotando tudo dentro de um cronograma, faço isso e depois aquilo, sigo o cronograma, trabalho de segunda a segunda, só não trabalho no sábado porque sábado eu vou jogar vôlei. Eu pratico muito esporte, jogo vôlei, jogo tênis, ando de bicicleta, tenho um time de vôlei que já tem trinta anos. Coisas do gênero, sabe? Não quer dizer que eu seja uma grande jogadora (risos), eu pratico esportes, essas coisas. Eu tenho uma vida normal. Mas me dedico muito à Geografia, domingo é normalmente dia de trabalho. Então é muita coisa, são

muitas horas, tenho que falar muito “não” e nem sempre as pessoas recebem bem os “nãos”, mas não cabe tudo na agenda .e se não estudarmos, emburrecemos!. Já que vocês olham muito o Google, eu não nasci no dia 01 de dezembro de 1950, viu? (risos), no Google aparece que nasci no dia 01 de dezembro de 1950, eu descobri pelo meu professor de inglês, que falou pra mim assim: “Ué! Você me disse que era geminiana, mas aparece no Google que você nasceu em 01 de dezembro de 1950’. Caramba! Não só mudaram a minha data como me deixaram mais velha (risos), eu nasci em 22 de maio de 1952”.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Um grande equívoco! (risos)

**ANA FANI:** Um grande equívoco, ainda mais para uma mulher, colocar uma mulher mais velha...

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** E é bom saber disso, às vezes pensamos, “nossa! tenho 26 anos e não fiz a metade do que esses professores fizeram com 20, o que estou fazendo da minha vida, meu Deus?” (risos).

**ANA FANI:** Vocês começaram mais cedo do que eu, eu só comecei a escrever artigo quando estava no doutorado. A gente não escrevia artigo. Claro, nós vivemos um outro mundo. A gente viveu um mundo em que podia e tinha tempo de pensar e estudar, não era obrigado a escrever, porque acho o seguinte, primeiro você tem que aprender para depois escrever, mas hoje vocês são obrigados a escrever enquanto aprendem, é duro!

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** E às vezes temos essa sensação de que a gente deu mais atenção a alguma coisa na graduação e não deu tanto a outra que também é fundamental, somos cobrados a estudar, escrever, dar aulas, e construirmos um currículo sólido desde cedo...

**ANA FANI:** É massacrante, tem momentos também...eu vou dizer pra vocês...está todo mundo falando de isolamento social, eu não estou sentindo muito esse isolamento social porque como já fiz várias teses, sempre houve momentos da minha vida em que fiquei trancada em casa. Então estar trancada no isolamento acaba me permitindo colocar coisas em dia. Quer dizer, mais ou menos, porque estamos todos envolvidos em muitas lives, é de enlouquecer essas lives! São muitas, e é enlouquecedor, mas enfim...é isso.

Então, daqui a dez dias vou ser publicado o livro sobre COVID organizado pelo Grupo de Geografia Urbana Crítica Radical (*Covid-19 e a crise urbana*), vocês podem entrar no site<sup>4</sup>, vocês vão encontrar livros para baixar, todos gratuitos. O livro sobre COVID-19 também é gratuito, vocês podem baixar a vontade.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Maravilha, vamos divulgar entre os colegas aqui do IFBA.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Professora Fani, obrigada, muito obrigada por ter nos dado essa oportunidade de te entrevistar, foi ótimo! Maravilhoso!

**ANA FANI:** Eu queria dizer pra vocês que as perguntas foram muito boas, reveladoras de pessoas muito interessantes, queria conhecê-los pessoalmente, a gente podia comer um acarajé juntos (risos).

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Já está marcado.

---

<sup>4</sup> O livro *Covid-19 e a crise urbana* está disponível gratuitamente e na íntegra pelo [Portal de Livros da USP](#).